

A VIVÊNCIA DA AGRESSIVIDADE E O IMPACTO NA FORMAÇÃO PSÍQUICA DA CRIANÇA¹

Isabella Costa Moraes²
Anna Costa Pinto Ribeiro³

RESUMO:

O desenvolvimento físico, cognitivo e psíquico de um indivíduo é construído ao longo de sua infância, através de experiências sensoriais e emocionais, possibilitando a formação da personalidade. A família é o ente responsável por oferecer o ambiente seguro para o desenvolvimento da criança, garantindo que suas necessidades básicas serão supridas e suas interações sejam o mais salutar possível. Desta forma, observa-se que um ambiente familiar conturbado pode gerar frutos que refletem este meio. Diante desta problemática, o presente artigo tem por objetivo esclarecer o conceito de agressividade infantil, estudando o desenvolvimento psíquico de uma criança em determinadas idades e as suas funções, além dos impactos no seu desenvolvimento convivendo em um ambiente familiar agressivo. Para tal, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, dividida em três capítulos, abordando os impactos do ambiente familiar no desenvolvimento da criança através das conclusões e considerações de especialistas e estudiosos da área. Observou-se, ao final da pesquisa, a importância de um ambiente familiar saudável para o desenvolvimento da criança e da intervenção psicoterapêutica, em casos onde a criança já desenvolveu transtornos, possivelmente derivados destes meios conturbados.

Palavras-chave: Agressividade infantil. Ambiente familiar. Intervenção psicoterapêutica

THE EXPERIENCE OF AGGRESSIVENESS AND THE IMPACT ON THE CHILD'S PSYCHIC EDUCATION

ABSTRACT :

The physical, cognitive and psychological development of an individual is built throughout childhood, through sensory and emotional experiences, enabling the formation of personality. The family is responsible for providing a safe environment for the child's development, ensuring that their basic needs are met and their interactions are as healthy as possible. Thus, it is observed that a troubled family environment can generate results that reflect this environment. Faced with this issue, this article aims to clarify the concept of childhood aggression, studying the psychic development of a child at certain ages and their functions, in addition to the impacts on their development living in an aggressive family environment. To this end, a bibliographical research was carried out, divided into three chapters, addressing the impacts of the family environment on

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Desenvolvimento Humano. Recebido em 04/11/2021 e aprovado, após reformulações, em 22/11/2021

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: isabellacostm95@gmail.com

³ Doutora em Psicologia clínica pela UFJF e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: annaribeiro@uniacademia.edu.br

child development through the conclusions and considerations of specialists and scholars in the area. At the end of the research, it was observed the importance of a healthy family environment for the child's development and of psychotherapeutic intervention, in cases where the child has already developed disorders, possibly derived from these troubled environments.

Keywords: Child aggressiveness. Family atmosphere. psychotherapeutic intervention

1 INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2018), a violência com crianças e adolescentes é definida como maus-tratos infantis, ou situações de abuso, que são caracterizados como toda forma de agressão física, emocional, psicológica, negligência ou tratamento negligente, exploração comercial, sexual ou outro tipo de exploração, configurando em um dano real ou potencial à saúde, sobrevivência, desenvolvimento e até a dignidade, no contexto de uma relação de responsabilidade, confiança e poder.

A violência familiar aumenta ainda mais o desenvolvimento de problemas de comportamento, manifestações cada vez mais claras e presentes na vida das crianças, presentes nos ambulatórios de psicologia e de psiquiatria, ou nas salas de aula das escolas (BLANK; DAY, 2003). Problemas de comportamento são vistos como condutas socialmente inapropriados, gerando assim, déficits ou excessivos comportamentos que podem prejudicar a interação da criança com outras crianças ou com adultos de sua convivência. Problemas de comportamento e variáveis do ambiente familiar tem sido pesquisada como sendo os relacionamentos mais importantes permeados pela violência. A quantidade/qualidade de acontecimentos de vida negativos resultantes da família vêm sendo registrada como prejudiciais ao desenvolvimento da criança e como um fator importante para problemas de comportamento na infância (FERREIRA; MATURANO, 2009).

As consequências de violência contra crianças são trazidas por Ferrari (2002), as de curto prazo sendo formadas por: problemas físicos; problemas no desenvolvimento das relações de apego e afeto (desenvolver reações de resistência ao apego, depressão e baixa autoestima); distúrbios de conduta (tanto por assumir um padrão agressivo igual ao dos pais como por apresentar

pouca habilidade social); alterações no desenvolvimento cognitivo; baixo rendimento escolar e problemas na compreensão e na aceitação das emoções dos outros. Já a longo prazo as consequências podem ser variadas, como comportamento suicida, conduta criminal violenta, sequelas físicas e se tornarem pais abusadores.

Reppet⁴ (2002) nos traz que em uma família saudável as crianças encontram um ambiente que além de garantir sua segurança e suas necessidades materiais, também propicia uma maior segurança emocional e integração social, no qual permite a ela passar por situações que são importantes para o desenvolvimento de habilidades necessárias para se adaptar ao mundo.

Diante deste exposto o projeto de pesquisa estudou como o ambiente familiar pode interferir na constituição psíquica de uma criança, em como o vínculo afetivo estabelecido na família pode garantir uma boa aprendizagem em todos os aspectos do ser humano.

O objetivo deste trabalho foi pesquisar as consequências psíquicas no desenvolvimento da criança submetida a vivências de agressividade no ambiente familiar. Levando em conta a influência do ambiente na constituição psíquica da criança, a investigação o ambiente familiar hostil (agressivo), e a problematização da influência do ambiente agressivo na constituição psíquica.

Como problema, levantou-se o seguinte questionamento: quais as consequências psíquicas no desenvolvimento da criança quando submetida a agressões físicas e morais no ambiente familiar? Para que possa ocorrer um desenvolvimento psíquico satisfatório da criança, é necessário que os pais forneçam um ambiente suficientemente bom, no qual a criança poderá se expressar de acordo com as suas necessidades e se adaptar gradativamente com sua atual realidade.

Para se alcançar os objetivos propostos e responder à questão investigativa, foi realizada uma pesquisa exploratória, bibliográfica, fazendo uma revisão narrativa da literatura, a partir de buscas na base de dados Scielo, utilizando as palavras-chave: Agressividade; Crianças, Família, Winnicott. Foram

⁴ A família é formada por pessoas que interagem por variados motivos, tais como afetividade e reprodução, dentro de um processo histórico de vida, mesmo não habitando o mesmo espaço físico. Desenvolve-se compartilhando uma relação social dinâmica, a partir de um sistema de crenças, valores e normas, estruturados na cultura da família, conforme a classe social na qual está inserida (Patrício, 1994).

considerados artigos, dissertações e teses que abordem o tema proposto neste estudo e que estejam disponíveis na língua inglesa e portuguesa. Foram excluídos da revisão aqueles estudos que não apresentarem o texto disponível para leitura. Em relação às categorias de análise foram levados em conta o ano de publicação do estudo, os autores, o país de publicação, a metodologia usada, se algum transtorno é considerado, se há proposta de intervenção e os principais resultados obtidos.

Será visto adiante que a agressão vivenciada no âmbito familiar pode interferir no comportamento da criança e até em sua vida adulta. Desta forma, foram elaborados três capítulos, que, por sua vez, traçam um estudo acerca do tema. O primeiro trata a respeito das transformações do conceito de família; no segundo foi abordado o desenvolvimento psíquico da criança, suas respectivas fases e o que ocorre em cada uma delas, baseado nos estudos de Winnicott; por fim, foi abordado o impacto no desenvolvimento da criança em conviver no ambiente familiar agressivo.

2 CAPÍTULO I: CONFIGURAÇÕES FAMILIARES

A concepção de família é considerada como refúgio, uma garantia de estabilidade ou ordem social, e está hoje passando por algumas transformações como será mencionado logo abaixo, mas nada perdeu o seu vigor ou a sua vitalidade. No entanto, também é importante levar em consideração o conceito de família ser avaliado pela função que cada um exerce.

Segundo Isadora Irineu Vasconcelos (2018), o conceito de família sofreu algumas mudanças com o passar do tempo, principalmente em questão de seus membros e a forma de se relacionar. Na sociedade romana, os membros da família antiga eram unidos por algo mais importante que o nascimento, que é a religião doméstica e o culto dos antepassados falecidos. Ela cita que o vínculo natural até existia, mas não era o suficiente para que estabelecesse um vínculo familiar. Família era definida como “[...] o conjunto de pessoas que estavam sobre a Patria potestas⁵ do ascendente comum vivo mais velho.” (VASCONCELOS, 2018, p.4). Dessa forma, a família não dependia de

⁵ Patria potestas era um poder absoluto do chefe de família sobre os membros da mesma família, os quais não tinham nenhum direito político (MELO, 2021).

consanguinidade e com isso dava ao *pater famílias*, que era exercido pelo pai ou avô, o direito de vender seus filhos (VASCONDELOS, 2018).

O conceito de família no Brasil foi formado por influência da antiga Roma e também da canônica, trazendo vestígios do patriarcado e da religiosidade. No período do Brasil Colônia, onde existia uma grande aliança entre a Igreja Católica e a Coroa Portuguesa que na época era de extrema importância e, por isso, o matrimônio era restrito a poucas famílias, apenas aquelas que conseguiam pagar por esse casamento. (VASCONCELOS, 2018).

Já a Europa criou o seu modelo de família, onde existia a família burguesa estruturada com pai, mãe e filhos. A partir dessa estrutura passou a criar laços de afetividade, onde a educação do filho era de total responsabilidade da mãe, assim como os afazeres domésticos e vontades do marido. Já o sustento familiar passou a ser a última questão levada em consideração. Ou seja, o papel dos membros da família foi sendo alterados.

Com a Revolução Industrial, no século XVII e com sua expansão no século XIX, as mulheres começaram a lutar pelos seus direitos, e disputar o seu lugar no mercado de trabalho. Essa busca teve uma enorme influência no conceito de família, para tanto, o conceito de que o casamento era baseado no poder absoluto do homem sobre a família foi se tornando ultrapassado na sociedade (SILVA e MIRANDA, 2011).

É importante lembrar que a Constituição Federal (1988) traz que o conceito de família vai para além do casamento. Trata de abarcar possibilidades que antes não eram ouvidas e maioria das vezes anuladas, como exemplo, a união entre pessoas do mesmo sexo, liberdade e pluralidade familiar e igualdade jurídica entre os cônjuges (SILVA e MIRANDA, 2011).

A família não se trata apenas de algo biológico, é também o resultado de formas de organização entre os humanos que poderá por exemplo promover uma maior socialização da criança, que irá influenciar nas aquisições das habilidades, comportamentos, e valores adequados para cada cultura (De Antoni, 2005).

Trata-se também de ser o primeiro ambiente no qual a criança irá desenvolver suas capacidades, seus desejos e suas fraquezas. Onde a criança poderá demonstrar seus dons, e também a sua capacidade para amar, para um

bom convívio ou para intolerância, o ódio e até a indiferença. É nesse meio onde surgem suas primeiras paixões assim como suas enormes alegrias e tristezas. A família violenta é caracterizada pela impotência generalizada. Por sua vez, a impotência gera a violência. Família violenta é aquela onde não há legitimidade do poder, ou quando algum membro acha que alguém roubou o lugar de poder que lhe cabia por direito ou por merecimento (SOARES, Carlos).

Sendo assim, o lugar mais tranquilo para uma criança deveria ser a sua casa, porém, as crianças que sofrem agressão neste local se colocam a uma situação de um enorme desamparo. O conflito existente em ter que conviver com seu agressor e ficar calado, ou até a questão de ter estilos parentais disfuncionais ou mesmo redes de apoio ineficazes, são fatores de risco para a criança e tem grandes consequências, como exemplo, no seu desempenho escolar, e no desenvolvimento e nas relações sociais (DIAS, 2013).

Sendo assim, podemos dizer que família é algo muito complexo, e por isso será abordado no capítulo seguinte a respeito das fases de desenvolvimento psíquico por Winnicott e suas respectivas funções.

3 CAPÍTULO II: DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO POR WINNICOTT

Para Winnicott, a integração entre o bebê e/ou a criança e sua mãe é essencial para o entendimento dos dois conceitos, o “mundo interno” e o “mundo externo”. No que concerne à relação mãe e bebê, Winnicott buscou estudá-los como uma “unidade psíquica única” até o início dos primeiros anos da criança, onde ela adquire uma identidade própria e torna-se autônoma, no sentido mental e psicológico. Ao estudar ambos os indivíduos como uma unidade psíquica, o autor entende que ao buscar compreender o bebê analisa-se também a mãe e vice versa. Desta forma, enquanto o bebê está sob os cuidados e depende diretamente da mãe para todas as funções, ele se encontra no mundo interno, ao adquirir uma identidade própria ele separa-se da mãe, entrando no mundo externo (SANTOS, 1999).

A respeito da identidade da criança, esta ocorre quando a mesma toma para si as rédeas do mundo onde habita e começa a interpretá-lo segundo sua vivência e a influência dos demais ao seu redor, inclusive, também interpretando estes indivíduos que a rodeiam. Para Winnicott, um ambiente onde a mãe atende

as necessidades básicas da criança, evitando medidas extras, que vão além das de caráter essencial para seu desenvolvimento pleno, resulta em um ambiente facilitador para a separação psíquica entre o bebê e sua progenitora. Este tipo de ambiente faz-se essencial para o desenvolvimento do senso de autonomia e liberdade, contribuindo para a interação entre a criança e o mundo externo (SILVA, 2016).

Este processo de construção da identidade da criança independe de ajuda externa, sendo esta, agora, senhora de seu próprio mundo, cujos panoramas aumentam à medida que ela avança e descobre novas formas de ver e sentir os elementos que compõem o ambiente. Ao interagir com o mundo externo, a criança constrói sua personalidade, medos e vontades, executando a parte advinda da carga genética dos pais e possíveis outros fatores hereditários (WINNICOTT, 1978/1952).

O envolvimento emocional entre a mãe e o bebê por sua vez, auxilia na sobrevivência da criança em seus primeiros dias/meses de vida pode ser descrito como uma “preocupação materna primária”. Este estado de retraimento da mãe proporciona o estabelecimento de um laço emocional com a criança. No entanto, com o desenvolvimento físico/mental da criança, faz-se necessário um processo transicional, que faça com que a criança supere e aceite o processo gradativo de separação entre ele e a mãe (MONTEIRO, 2009).

Para realizar e facilitar o processo de separação entre mãe e bebê, Winnicott propõe a utilização de objetos e fenômenos transicionais, que por sua vez têm como única e exclusiva função intermediar o fim do processo de dependência absoluta da criança para com sua progenitora. Após o estágio de dependência absoluta a criança entra em processo de dependência relativa, onde a mesma necessita dos cuidados básicos e suporte dos pais para que esta adquira cada vez mais autonomia e inicie sua jornada de descobrimento do mundo externo. Vale ressaltar que os objetos transicionais não têm uma importância específica, a forma com que eles são utilizados pela criança os faz importantes, este processo pode ser descrito como “importância relativa” (LESCOVAR, 2004).

O potencial inato de um bebê manifesta-se através de seus gestos e ações espontâneas, dependendo da mãe responder de forma adequada a estes.

Esta forma de comunicação não verbal proporciona experiências de interação da criança com seus semelhantes, iniciando-se em sua mãe, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades comunicativas. O ato de imitar, entender estímulos e aprender quais ações geram recompensas auxilia o bebê a se expressar e interagir (WINNICOTT, 1983/1958).

Winnicott chama de “Verdadeiro Self” o ato de adquirir, por meio de interações com os indivíduos e o ambiente, a força, autonomia, confiança e identidade necessários para que a criança se desvincule da mãe para viver no mundo externo. Ao adquirir estas qualidades, a criança aprende a lidar com os medos e frustrações provenientes do processo de separação entre ela e a mãe (WINNICOTT, 1983/1960).

O sentido inverso do “Verdadeiro Self” é o “Falso Self”, termo adotado pelo autor para definir a perda da espontaneidade e redução da autonomia da criança. Isto ocorre quando a mãe, incapaz de interagir com as ações e gestos da criança, interfere em seu processo de desenvolvimento autônomo, atuando como um agente invasor, dificultando o processo de transição do mundo interno para o externo. A criança, ao invés de aprender a se adaptar ao mundo externo, gasta sua energia aprendendo a se submeter e, de certa forma, a aprender a lidar com as necessidades afetivas da mãe (WINNICOTT, 1983/1960).

O processo de desenvolvimento passivo e defensivo do “Falso Self” evidencia a falta de entrosamento entre a mãe e o bebê, o que pode causar uma interrupção abrupta em seu processo de construção da personalidade e de identidade. Winnicott descreve que estes transtornos e distorções ambientais durante o desenvolvimento da personalidade da criança podem ser elementos cruciais no diagnóstico de quadros de psicopatia e tendência antissocial (SILVA, 2016).

Na teoria elaborada pelo autor, a psique não é concebida ao nascer do indivíduo, ela é como uma estrutura que vai sendo construída ao longo do seu desenvolvimento, a partir da elaboração imaginativa e da vivência ao longo do tempo. A mãe contribui na formação da psique através de funções primordiais, como o *holding*, o *handling* e a apresentação de objetos à criança. O *holding* trata-se da integração entre a mãe e o bebê ao ambiente, o *handling* é o período em que a psique é “instalada” em sua forma mais primitiva e embrionária no

corpo do infante e a apresentação de objetos para a criança são os primeiros contatos dela com a realidade externa, como um rito de passagem que ocorre de forma gradativa e adaptativa (WINNICOTT, 1983/1964).

Winnicott desenvolveu o conceito de “membrana protetora”, sendo este, um termo utilizado para agregar todos os cuidados físicos primários da mãe para com o bebê, mantendo-o seguro a toda e qualquer ameaça externa. A membrana protetora fornecida pela “mãe-ambiente” ajuda na compreensão da psique do bebê de como o ambiente a sua volta funciona e como ele será protegido de agentes externos. O isolamento primário fornecido pela mãe contribui significativamente no desenvolvimento do espaço psíquico necessário para a estabilização mental da criança (MONTEIRO, 2009).

Através da adequação ao tempo de resposta da criança e da adaptação e atendimento as suas necessidades, o ambiente seguro possibilita o desenvolvimento tranquilo de sua vida de fantasias, como um mundo particular concebido através das concepções e da capacidade imaginativa infantil (SANTOS, 1999).

Partindo do pressuposto que o desenvolvimento da linguagem e da capacidade de comunicação, seja por palavras ou gestos, por si só já possa ser considerada uma manifestação da identidade do indivíduo, que, por sua vez, está adquirindo um senso de continuidade do “eu” no espaço e no tempo, que está retendo para si uma identidade própria e, através desta, manifestando-se para o mundo. Ao firmar sua identidade e mantê-la de forma contínua enquanto interage com o mundo, pode-se entender que o senso do “eu” no ambiente (ou entendimento da própria identidade) auxilia na retenção, o que proporciona o aprendizado continuado de palavras e o desenvolvimento de uma maior visão do mundo (ampliação da identidade) (WINNICOTT, 1983/1963).

Diferente de Freud, Winnicott deu a elementos intermediários, em sua teoria de “fenômenos e objetos transicionais”, a ideia de trabalhabilidade e conhecimento gradativo, onde os objetos em si não possuem importância, mas o valor e a forma com que os mesmos são enxergados é que interessa ao desenvolvimento psíquico da criança. Para Freud, os objetos possuíam o objetivo de causar um efeito de pulsão do indivíduo (teoria pulsional ou objeto da

pulsão), elevando-o para fora do mundo interno, que, por sua vez, está relacionado ao ambiente materno (SILVA, 2016).

Em seus primeiros dias de vida, o bebê, ainda lactente e incapaz de compreender o mundo que o cerca, não constitui uma unidade em si, ou seja, não possui um senso de identidade própria. Por unidade, entende-se como uma forma organizacional entre o indivíduo e o ambiente que o cerca. Os alicerces da estrutura psíquica do indivíduo são fundados ainda no início da infância, através de suas necessidades sanadas por uma mãe ou responsável com competência para tal (WINNICOTT, 1978/1952).

A psique edifica-se, de forma adequada, dentro de uma moldura específica, onde é naturalmente proporcionado para a criança a criação do seu próprio ambiente pessoal, adquirindo assim, um senso de auto pertencimento e de indivíduo no meio. Para transcender do mundo interno para o externo, ou seja, para sair do estado de total dependência para a dependência relativa, a criança cria no ambiente sua forma subjetiva de observar as coisas e interagir com elas. A criança dá a sua perspectiva de mundo, ou sua imagem do meio, um sentido coeso com o ambiente percebido, adequando suas sensações físicas com as psíquicas, possibilitando uma entrada e permanência no mundo externo (MONTEIRO, 2009).

Winnicott chama este processo de concepção e construção da psique como “psique-soma”. O processo de psique-soma segue como uma linha diagonal em sentido ascendente, acumulando experiências, imaginação e sensações. Caso esta linha sofra perturbações, o processo pode ser afetado em várias etapas, fazendo-se necessário um ambiente amigável, que ofereça à criança os meios necessários para se desenvolver de forma saudável, satisfazendo suas necessidades básicas e aprendendo de forma gradativa a lidar com as adversidades do mundo externo (WINNICOTT, 1983/1963).

A teoria Winnicottiana tem como principal alvo o ambiente como agente produtor ou preventivo de problemas mentais futuros, sendo este, também, a base para a construção da psique do indivíduo. Enxergando as doenças mentais e demais problemas de personalidade como consequências e não causas propriamente ditas, o autor produziu uma forma de diagnosticar problemas

mentais através do ambiente familiar, o que facilitou a forma com que se pode remediar e prevenir diversos transtornos (LESCOVAR, 2004).

Para adquirir bons frutos, advindos de um desenvolvimento psíquico saudável, necessita-se uma redução contínua nos estados esquizoides nas etapas iniciais da vida, onde a criança está transcendendo do mundo interno para o externo. Vivenciar momentos e estados de desintegração é normal no início da vida da criança, é um modo do cérebro compreender o ambiente por meio da tentativa e falha. O afeto e compreensão maternos são ferramentas eficazes para reduzir e atenuar estes efeitos, dando a segurança necessária para a criança interagir com o ambiente (SANTOS, 1999).

Essa etapa de moldagem da psique em adequação ao mundo externo é delicada e volúvel, todo e qualquer resultado obtido durante esse processo, seja positivo ou negativo, irá refletir futuramente em sua saúde mental. A partir destes processos é que surgem as psicoses, sendo estas derivadas de falhas na estruturação da psique e distorcendo a moldagem feita durante a pequena infância para adaptar a mente ao mundo externo (WINNICOTT, 1983/1963).

Para uma melhor compreensão da psicose faz-se necessário o entendimento dos estádios primordiais da psique, como a desilusão. Tida como um fenômeno de dimensões elevadas, antecedendo o desmame do lactente, que, por sua vez, ainda se encontra sob o estado maior da dependência humana e da necessidade alimentar de uma criança, não possuindo autonomia alguma (nem física, nem fisiológica e nem mental) para encontrar qualquer outra forma de alimentar-se, a desilusão advém posterior à conclusão de uma etapa, a de alimentação primária bem sucedida. Após fornecer, adequadamente, o alimento primário (leite materno), a mãe necessita encontrar novas oportunidades de ilusão (ou auto ilusão) para alimentar novas expectativas (e possíveis frustrações) para a criança. Em resumo, para evitar problemas futuros com a desilusão, a mãe deve fornecer ao bebê elementos que comprovem, para ele, que as ilusões criadas pela sua capacidade imaginativa estão lá para ele encontrar e conquistar (WINNICOTT, 1978/1952).

Winnicott trata sobre a esquizofrenia, condição caracterizada pelo transtorno do pensamento, observando-a como um produto derivado de falhas de construção da personalidade, sendo causados, ou facilitados, por um

ambiente que não ofereceu o suporte necessário para que o bebê pudesse se integrar, adquirir personalidade, desenvolver relações materiais e criar laços psíquicos. Desta forma, a esquizofrenia integra o quadro de doenças mentais propriamente ditas, não sendo derivado de patologias cerebrais ou algum outro tipo de enfermidade física, afetando apenas a psique do indivíduo (SANTOS, 1999).

Como reação a um ambiente hostil a psique-soma do bebê entra em estado defensivo, o que pode vir a causar perturbações em sua construção. Desta forma, o mau desenvolvimento da psique da criança pode causar um adoecimento do seu estado mental, derivado, principalmente, de problemas ou perturbações na relação entre a mãe e o bebê, provocando falhas e retardos na progressão linear de sua estrutura psicológica (LESCOVAR, 2004).

As perturbações ambientais proporcionam a sensação de ausência de limites e fronteiras no corpo, tirando o seu sentimento de auto pertencimento, fazendo com que, instintivamente, a criança não se sinta segura nem em seu próprio corpo. Além disto, podem ocorrer ameaças de despersonalização, fazendo-o perder, ou sequer manifestar, sua identidade própria, o aparecimento de angústias diversas, sentimento de desintegração e fragmentação mental e física e a pouca ou nenhuma manifestação de coesão psicossomática (MONTEIRO, 2009).

4 CAPÍTULO III: FAMÍLIA AGRESSIVA E IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO

O ambiente familiar tem por função natural educar e transmitir para a prole, em seus primeiros anos de vida, os valores e costumes do meio, além de ser parte significativa na construção da personalidade e do desenvolvimento racional/cognitivo. Desta forma, tem-se por efeito prático, ou consequencial, o fato de um ambiente familiar disfuncional ser um meio propício para o desenvolvimento de crianças e jovens apáticos com personalidades problemáticas, com traumas e agressivos. Porém, não se deve tomar este fato por regra. No entanto, pode-se observar uma ligação entre a qualidade do ambiente familiar com distúrbios de personalidade e casos de agressividade na infância (REIS e PRATA, 2018).

Este fator, por muitos anos, foi aceito, ou ignorado, pela sociedade em geral como algo cultural, uma forma de comando do lar, além de uma imposição de valores e educação. Nas últimas décadas, os efeitos da violência dentro dos lares vêm ganhando mais atenção dos profissionais e pesquisadores, sendo um objeto de investigação, em busca de diagnósticos que expliquem tal fenômeno e contribuam na solução destes problemas (ABRANCHES e ASSIS, 2011).

Ao se adotar dentro da cultura uma espécie de normalização da violência familiar, ignora-se seus efeitos diversos, perpetuando tais atos, sendo estes passados de geração a geração, formando um ciclo. Os impactos desta cultura influenciam diretamente na qualidade de vida da população, mesmo que de forma silenciosa e quase imperceptível. Tais impactos e suas consequências tem sido constantemente estudadas, tornando-se uma pauta essencial nos debates dentro do setor da saúde e família (MALDONADO e WILLIAMS, 2005).

Observa-se a violência familiar como um problema social, indo além dos lares e tendo seus efeitos refletidos no meio de convivência social, em especial de crianças e adolescentes, que por sua vez, levam as sequelas deste problema para o ambiente escolar. As crianças são diretamente impactadas por estes eventos, sendo expostas a cenas de violência dentro do meio familiar, praticadas e sofridas por pessoas as quais ela possui apego e afeição, nos anos fundamentais para sua formação de caráter e entendimento do mundo e das relações sociais (CERVI e DAMO, 2009).

Experiências de violência vivenciadas durante a infância pode ter efeito direto nas relações afetivas futuras do indivíduo, refletindo em relacionamentos diversos, como amizades e namoros, sendo um mecanismo de resolução de problemas por parte do causador. Ao se observar o histórico familiar do indivíduo, pode-se obter informações valiosas sobre suas atitudes atuais, além de ser uma estratégia para diagnosticar e buscar soluções para estes distúrbios (COGO *et al.*, 2011).

Em se tratando dos efeitos da violência familiar, é importante observar que as sequelas não são apenas físicas, indo além de ferimentos e contusões, afetando o desenvolvimento psicológico da criança e, conseqüentemente, suas relações sociais e seu desempenho em várias áreas. Uma das áreas onde pode-se observar com maior clareza os impactos da agressividade no meio familiar é

o ambiente escolar. Por estar sob uma hierarquia de comando (professor/alunos) e ser inserido em um meio com vários indivíduos semelhantes, tanto em idade quanto em cultura (sobre a cultura, aqui refere-se ao contexto social geral, como a comunidade, cidade ou país onde essas crianças se encontram), a criança irá conseguir ter uma maior interação e externará para os demais o que absorveu e assimilou em seu meio familiar (HERMEL e DREHMER, 2013).

Dentre os diversos problemas relacionados às interações humanas que podem ser observados estão psicopatologias, baixa autoestima, depressão, problemas no desenvolvimento cognitivo, transtornos afetivos ausência de empatia, dificuldades em relacionamentos sociais, transtornos comportamentais, fobias diversas, delinquência, irritabilidade e quadros de violência. Desta forma, observa-se que crianças e adolescentes que são submetidas a episódios de violência ou os presenciam continuamente, possivelmente se tornarão, reprodutoras deste mesmo tipo de ato, sendo esta uma característica inerente a condição humana, como animal social, interagindo com o meio onde vive através da imitação de ações da própria comunidade, família ou grupo social (COGO, 2011).

A ausência da sensação de segurança, naturalmente transmitida pelo meio familiar, pode trazer para a criança ou adolescente uma imagem individualista de mundo, dificultando suas relações futuras e tornando-o um personagem problemático em seus ambientes de convívio. Esta falta de uma visão mais coletivista da sociedade, que por sua vez, faz o jovem enxergar-se como parte de um grupo, pode culminar em quadros de depressão. Sendo o mesmo um animal social, e, instintivamente, buscando para si um grupo ao qual pertencer, o faz sentir-se deslocado dos demais, afastando-o de possíveis relações e fazendo-o adotar meios, muitas vezes prejudiciais, como válvulas de escape para os problemas sociais que não quer confrontar (AZEVEDO e GUERRA, 2001).

Sobre os meios adotados pelos indivíduos, que podem ser prejudiciais para si e para outros, estão os vícios diversos, dependência química e psicológica. Todos estes vícios são utilizados pelo próprio cérebro como uma válvula de escape para evitar conflitos. Além dos vícios, pode-se observar nestes indivíduos uma grande tendência a aceitabilidade de estímulos externos, que por

sua vez, tem por função roubar sua atenção, evitando que seu cérebro tenha o trabalho de processar os pensamentos e lembranças ruins (HERMEL e DREHMER, 2013).

A violência pode ser reproduzida de diversas formas, não necessariamente tendo o indivíduo afetado como alvo, a exemplo de crianças que presenciam episódios constantes de conflitos entre familiares dentro do próprio lar, estas são vítimas indiretas do ato. Ao praticar a violência, o agressor pode exercê-la de várias formas como, física, psicológica ou sexual, tendo todas as modalidades consequências devastadoras em suas vítimas, diretas ou indiretas (REIS e PRATA, 2018).

Maldonado e Williams (2005) definem a violência, que pode ser exercida de várias formas, como um grupo de ações e omissões que têm por objetivo e consequência maior, seja ela intencional ou não, o impedimento ou retardamento do desenvolvimento pleno do indivíduo. Pode-se observar este retardamento ou impedimento do desenvolvimento em várias áreas da vida do indivíduo, não se limitando apenas a um tipo específico de campo motor, sentimental ou intelectual. No entanto, como citado anteriormente, o ambiente escolar é um dos meios mais adequados e perceptíveis de se observar as várias deficiências no desenvolvimento do indivíduo ainda em idade infantil.

Dentre os diversos tipos bloqueio observados estão os intelectuais/cognitivos, motores e sociais. Os bloqueios intelectuais ou cognitivos podem ser refletidos no baixo rendimento escolar do aluno, os motores estão associados a limitações físicas particulares, que por sua vez, não transparecem ao olhar, como pouca disposição, dificuldade de assimilar movimentos simples e problemas em compreender regras e brincadeiras simples. Os bloqueios e embotamentos nas relações sociais podem ser observados na dificuldade de estabelecer e manter laços e conexões com outros indivíduos e na busca por isolamento ou auto proteção excessiva (MALDONADO e WILLIAMS, 2005).

Dentre as formas de violência praticadas dentro dos lares, a de dificuldade de detecção mais elevada é a psicológica, mesmo que esta seja uma forma comum de abuso, seu grau e suas consequências podem variar de forma significativa. A respeito dos danos causados por este tipo de violência, observa-se mais danos relacionados a esta do que a outros tipos de agressão, uma vez

que, esta pode produzir sequelas a longo prazo, afetando todo o desenvolvimento da criança. Este tipo de violência pode ocorrer de forma sutil dentro do ambiente familiar, como ao presenciar uma cena de agressão ou abuso entre os pais ou entre os pais e irmãos (ABRANCHES e ASSIS, 2011).

A violência no meio familiar pode ocorrer em diferentes esferas, não se limitando a um único perfil de família. Ambientes problemáticos independem de crenças, etnias ou classes sociais, afetando todos os modelos familiares possíveis (COGO, 2011).

O ato de expor uma criança ou adolescente a uma ou constantes cenas de agressão já se configura como uma forma de maus-tratos, uma vez que, esta afeta e produz sequelas no desenvolvimento sócio cognitivo do indivíduo. Desta forma, como citado anteriormente, a criança que se desenvolve em um lar onde presencia inúmeros episódios de agressão entre pessoas as quais ela possui afeto e apego tende a desenvolver diversos problemas como depressão, personalidade agressiva, tendência ao isolamento e problemas com auto estima e auto confiança (REIS e PRATA, 2018).

Outro aspecto observado em crianças advindas destes ambientes e, conseqüentemente, vítimas deste tipo de violência, a tendência ao segredo e negação, como mecanismos de fuga da realidade ou de busca por uma forma de evitar pensar ou lembrar tais eventos (REIS e PRATA, 2018).

Quando os atos de violência alcançam as crianças, estes podem trazer consigo uma tendência ao isolamento e a dificuldade em confiar em outros indivíduos, dificultando todo e qualquer estreitamento de laços futuros em sua vida. Ao se voltar para o Brasil, este tipo de ato tomou aspectos culturais, sendo, de certa forma, comum em diversos lares, o que, além de perpetuar este problema dificulta seu combate (AZEVEDO e GUERRA, 2001).

O combate a esta cultura possivelmente resultaria em uma redução considerável nos casos de personalidades problemáticas, garantindo a criança, em seus primeiros anos de desenvolvimento, um ambiente acolhedor e seguro, o que acaba por criar o conceito de “porto seguro” no indivíduo, que por sua vez, associa-o ao lar e aos que nele habitam. Para estudiosos do assunto, como Winnicott, a integração entre mãe e bebê, principalmente nos primeiros meses

de vida, garante o desenvolvimento pleno da criança, tanto físico quanto mental (MONTEIRO, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Englobando todos os fatores aqui apresentados, o artigo teve como premissa expor os motivos considerados importantes e de maior incidência em um ambiente familiar agressivo. Podemos dizer que a família, como o primeiro sistema de socialização que as crianças têm contato, tenha a capacidade identificar os limites entre as brincadeiras infantis e os transtornos de condutas, possibilitando uma reflexão acerca das raízes destas atitudes e que efetuem um trabalho favorável ao seu desenvolvimento salutar. O trauma vivido por essas crianças, possivelmente, poderá persistir por toda sua vida, e, em muitos casos, podem influenciá-las a cometer os mesmos erros ao chegarem à idade adulta.

As crianças, como indivíduos em fase primária de aprendizado, tendem a internalizar e replicar ações e comportamentos observados em seu meio, seja de forma consciente ou inconsciente. Ao se atacar psicologicamente ou fisicamente uma criança, principalmente de forma constante, a mesma tende a manifestar, como forma de reação, comportamentos agressivos e/ou antissociais. Desta forma, ambientes que favoreçam e/ou normalizem a violência e a agressividade, terão mais possibilidades de produzirem jovens e adultos com a mesma personalidade.

Sendo assim, algumas ações podem ser efetuadas, para melhorar estes quadros, a exemplo da intervenção psicoterapêutica, que, por sua vez, pode contribuir na reconstrução da vida dessa criança, possibilitando a construção de novos elos de confiança com outros indivíduos. Trabalhar com crianças advindas destes ambientes, e, que apresentem comportamento indicativo de agressividade, possivelmente impactará positivamente na vida da mesma e dos indivíduos a sua volta.

Por consequência, observa-se que trabalhos de intervenção psicoterapêutica, geram impactos sociais consideráveis dentro dos meios de convivência, possibilitando o desenvolvimento de indivíduos reflexivos para com seus problemas pessoais, e, que compreendam o quão influente pode ser o ambiente ao seu redor. Estes estudos também possuem caráter de promoção

da saúde familiar, auxiliando na melhoria destes ambientes, o que, conseqüentemente, propicia o surgimento de pais capazes de fornecer um meio acolhedor a criança.

Diante destas considerações e da presente pesquisa, pôde-se observar o quão importante é o meio familiar para o desenvolvimento do indivíduo e como os estudos dentro desta área, juntamente com os tratamentos desenvolvidos posteriormente, a exemplo da intervenção psicoterapêutica, contribuem para a saúde psicológica e para o tratamento de possíveis transtornos, derivados destes ambientes.

Com o presente estudo, houve o favorecimento da clínica infantil, promovendo um maior engajamento do trabalho com pais e cuidadores, além de fortalecer os programas de intervenções preventivas. Também objetivou a possibilitar o fomento a publicações futuras, abrindo espaço para novos estudos que aprofundem o tema abordado, expandindo o panorama de discussão sobre o ambiente familiar hostil e suas conseqüências para o desenvolvimento psíquico da criança.

REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Cecy Dunshee de e ASSIS, Simone Gonçalves de. **A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar**. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2011, v. 27, n. 5, pp. 843-854.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil**. São Paulo: Iglu, 2001.

CERVI, Taciana Marconatto Damo; DAMO, Virgínia Marconatto. **Delinquência juvenil: fruto de desamparo familiar ou estatal?** Revista DIREITO E JUSTIÇA – Reflexões Sociojurídicas – Ano IX – Nº 12 – Março 2009.

COGO, K. S.; MAHL, A. C.; OLIVEIRA, L. A. e HOCH, V. A. **Conseqüências psicológicas do abuso sexual infantil**. Unoesc & Ciência - ACHS, Joaçaba, v.2, n.2, p. 130-139, jul./dez. 2011.

DAY, V.P. *et al.* Violência doméstica e suas diferentes manifestações, **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. 1, p. 9-21 abr, 2003.

FERRARI, Ilka Franco. Agressividade e violência. **Psicologia Clínica**, Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.18, n.2, p.49 – 62, 2006.

FERREIRA, M. C.; MARTURANO, E. M. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2002, 15(1), pp. 35-44. Ribeirão preto, SP.

HERMEL, J. S. e DREHMER, L. B. R. **Repercussões da violência intrafamiliar: Um estudo com mulheres em acompanhamento psicológico.** ISSN 0103-7013. *Psicol. Argum. Curitiba, PR.* v. 31, n. 74, p. 437-446, jul./set. 2013.

LESCOVAR, Gabriel Zaia. **As consultas terapêuticas e a psicanálise de D. W. Winnicott.** *Estudos de Psicologia (Campinas)* [online]. 2004, v. 21, n. 2 [Acessado 21 Setembro 2021], pp. 43-61.

MALDONADO, D. P. A. e WILLIAMS, L. C. de A. **O comportamento agressivo de crianças do sexo masculino na escola e sua relação com a violência doméstica.** *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 10, n. 3, p. 353-362, set./dez. 2005.

MONTEIRO, L, F. **O uso de substâncias psicoativas por crianças e adolescentes em situação de rua: uma leitura winnicottiana.** In: NERY FILHO, A., et al. orgs. *Toxicomanias: incidências clínicas e socioantropológicas.* Salvador: EDUFBA; Salvador: CETAD, 2009, pp. 139-159.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Novo estudo da OPAS descobre importantes lacunas nas medidas para prevenir a violência contra crianças e adolescentes.** 2018. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/23-11-2020-novo-estudo-da-opas-descobre-importantes-lacunas-nas-medidas-para-prevenir>>. Acesso em: 05 out. 2021.

REIS, D. M.; PRATA, L. C. G.; PARRA, C. R. **O impacto da violência intrafamiliar no desenvolvimento psíquico infantil.** UNIFADRA- Faculdades de Dracena. *Psicologia: O portal dos psicólogos*, (artigo online) 20 p. Dracena, SP. 2018.

REPETTI, R. L., Taylor, S. E.; SEEMAN, T. E. (2002). **Risky families: Family social environments and the mental and physical health of offspring.** *Psychological Bulletin*, 128(2), 330–366. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0033-2909.128.2.330>>. Acesso em: 01 out. 2021.

SANTOS, Manoel Antônio dos. **A constituição do mundo psíquico na concepção Winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses.** *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online]. 1999, v. 12, n. 3.

SILVA, Sergio Gomes da. Do feto ao bebê: Winnicott e as primeiras relações materno-infantis. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 29-54, 2016.

WINNICOTT, D. W. (1978). **Psicose e cuidados maternos.** Em D. W. Winnicott (Org.), *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise (2ª ed. pp. 375-387).* Rio de Janeiro: Francisco Alves (Original publicado em 1952).

WINNICOTT, D. W. (1983). **A capacidade para estar só.** Em D.W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1958).

WINNICOTT, D. W. (1983). **Classificação: Existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica?** Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 114-127). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1959 e 1964)

WINNICOTT, D. W. (1983). **Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self** Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1960)

WINNICOTT, D. W. (1983). **Os doentes mentais na prática clínica.** Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 196-206). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1963a)

WINNICOTT, D. W. (1983). **Dependência no cuidado do lactente, no cuidado da criança e na situação psicanalítica.** Em D. W. Winnicott (Org.), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 225-233). Porto Alegre: Artes Médicas (Original publicado em 1963c).